Bricolage: a Busca pela Compreensão de Novas Perspectivas em Pesquisa Social

Autoria: Adriana Vinholi Rampazo, Elisa Yoshie Ichikawa

Resumo: Neste ensaio teórico buscamos apresentar e discutir o conceito de *bricolage* na pesquisa em ciências humanas e sociais. Para tanto, realizamos uma imersão em alguns livros e artigos para compreender melhor o conceito para a sua posterior descrição, na forma deste texto. Lévi-Strauss foi o primeiro autor a utilizar o termo *bricolage* para definir um tipo de conhecimento até então chamado de primitivo. O conhecimento "primitivo" é um tipo de pensamento que se guia pela intuição e pela vontade de conhecer o que está no mundo; a este tipo de pensamento, Lévi-Strauss chamou de *bricolage*. Após uma breve apresentação desse conceito lévi-straussiano, passamos a discutir o pensamento de Kincheloe, que defende uma nova dimensão do conceito de *bricolage*, mais ajustada à pesquisa dentro da dinâmica de um mundo complexo. De certa forma, Kincheloe aprofunda o conceito lévi-straussiano. O centro desta nova concepção de *bricolage* é a interdisciplinaridade. Kincheloe afirma que hoje não é mais possível enxergar os fenômenos sociais fora de sua complexidade. Em qualquer fenômeno social existe uma diversidade de fatores atuando. Desta forma, é necessário um novo processo de pesquisa social, e a *bricolage* se torna uma opção metodológica viável, conectando teorias, metodologias, pesquisador e contexto da pesquisa. Em seguida, no presente trabalho, com base em autores como o próprio Kincheloe, Lapassade e também Berry, apresentamos algumas "dicas" de como colocar em prática a *bricolage*. Finalmente, terminamos o texto com algumas considerações finais, admitindo que este é um conceito ainda em construção, e que são necessários mais debates para uma melhor compreensão do que seja *bricolage* em pesquisa social.

Introdução

Este ensaio teórico é o primeiro resultado do esforço de suas autoras para compreender mais a respeito de um ato que já estava sendo concretizado na consecução de suas pesquisas: a *bricolage*. Meio que por intuição, algo de ingenuidade e curiosidade por diferentes teorias e métodos de investigação, procedimentos de um *bricoleur* já estavam sendo experimentados, quando resolvemos entender mais e escrever sobre o assunto. Estas poucas laudas escritas são o resultado dessas reflexões e procuras.

Assim, descobrimos que foi Lévi-Strauss (1970) o primeiro autor a utilizar o termo *bricolage* nas ciências sociais, para definir um tipo de conhecimento até então chamado de primitivo. No entanto, por se tratar de um termo emprestado do idioma francês e, portanto, que tem significações anteriores aos de Lévi-Strauss, a *bricolage* sempre teve diferentes significados no uso cotidiano.

A nós, foi uma grande aventura intelectual descobrir a obra de Lévi-Strauss (1970) e também os escritos que nos caíram às mãos e que falavam sobre *bricolage*: da poética do aleatório à poética do precário (CAMPOS, 1977) e textos que discutiam arte, estética, invenção; no entanto, estávamos à procura de algo que falasse sobre *bricolage* na prática da pesquisa científica. E finalmente, encontramos um autor que muito nos ajudou, professor da área de Educação da *City University* de Nova York, chamado Joe L. Kincheloe. Seus artigos muito nos fizeram refletir nessa empreitada.

Kincheloe (2004a) defende uma nova dimensão do conceito de *bricolage*, mais ajustada à pesquisa dentro da dinâmica de um mundo complexo, aprofundando então, de certa forma, o conceito lévi-straussiano. O centro desta nova concepção de *bricolage* é a interdisciplinaridade, que proporciona numerosos contextos para a pesquisa. Kincheloe

(2001) afirma que hoje não é mais possível enxergar os fenômenos sociais fora de sua complexidade. Em qualquer fenômeno social existe uma diversidade de fatores atuando. Desta forma, é necessário um novo processo de pesquisa social, e a *bricolage* se torna uma opção metodológica viável, conectando teorias, metodologias, pesquisador e contexto da pesquisa.

É sobre isso que este *paper* busca discutir. Num primeiro momento, apresentaremos o conceito de *bricolage* a partir da perspectiva lévi-straussiana. Depois, discutiremos a visão de Kincheloe (2001; 2004a; 2004b; 2005a; 2005b) sobre o assunto, destacando principalmente a questão da interdisciplinaridade e da inserção do pesquisador no contexto da investigação. Feito isso, buscaremos elucidar como um pesquisador pode se adentrar no mundo da *bricolage*. Finalmente, terminamos o ensaio com algumas considerações finais.

Bricolage na perspectiva de Claude Lévi-Strauss

A idéia de *bricolage* foi utilizada por Claude Lévi-Strauss na obra "O pensamento selvagem", e designava um modo específico de pensar, chamado pelo autor de "pensamento mágico". O ponto de partida de Lévi-Strauss (1970) era o combate à noção segundo a qual, para os povos "primitivos", o conhecimento seria construído somente a partir de uma razão prática. Para esse autor, mais do que uma funcionalidade, o conhecimento atendia à exigência de introduzir ordem no universo. Segundo Lévi-Strauss (1970), todo ato ordenador (como o do conhecimento) nos faz achar que a utilidade (razão prática) o teria provocado, mas muitos desses atos são basicamente intuitivos.

Assim, Lévi-Strauss (1970) chama de "pensamento mágico" um tipo de pensamento que parte da necessidade de dar ordem a uma dada sociedade. São, por exemplo, os mitos e os ritos, que longe de darem às costas à realidade, são formas de observação e reflexão constituídas a partir da "organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 31).

É no esforço de compreender o "pensamento mágico" ou "pensamento selvagem" que Lévi-Strauss (1970) invoca uma atividade prática conhecida na França por *bricolage*, que seria um trabalho realizado a partir de materiais diversificados, sem um planejamento prévio. Vejamos como ele desenvolveu esse conceito.

Para Lévi-Strauss (1970), todo o conhecimento acumulado por séculos pelos seres humanos não foi criado somente após o surgimento da ciência moderna. No entanto, este tipo de conhecimento que veio antes do surgimento da ciência moderna sempre foi considerado o resultado de acidentes, como se surgissem por acaso. Para Lévi-Strauss (1970), esta consideração não é totalmente verdadeira, pois antes do rigor cientifico, com o controle das variáveis e a validação dos procedimentos, já se construía um saber sistemático resultado da observação e da experimentação. E para o autor, foi esse conhecimento que sustentou o nascimento da ciência moderna.

Desta forma, há muitos séculos que os seres humanos observam, testam e classificam aquilo que está a sua volta. Em hipótese alguma a sistematização do conhecimento surgiu com a ciência moderna. Lévi-Strauss (1970, p. 30) defende este ponto de vista, afirmando que o homem do neolítico já havia herdado "uma longa tradição científica", resultado de "séculos de observação ativa e metódica, hipóteses ousadas e controladas, a fim de rejeitá-las ou confirmá-las através de experiências incansavelmente repetidas". O resultado foi o grande

desenvolvimento da cerâmica, da tecelagem, da agricultura e da domesticação dos animais durante este período histórico.

Foi desta maneira, conhecendo as espécies animais, vegetais e minerais que elas foram "[...] classificadas úteis ou interessantes" e não o contrário (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 29). Desta forma, a curiosidade humana fez com que homens e mulheres analisassem grande parte do que estava ao seu redor e as classificassem conforme suas utilidades. Conforme afirma Lévi-Strauss (1970, p. 35):

> Para transformar uma erva silvestre em planta cultivada, um animal selvagem em doméstico, para fazer aparecer, num ou noutro, propriedades alimentícias ou tecnológicas que, na origem, estavam completamente ausentes, ou mal podiam ser suspeitadas; para fazer de uma argila instável, pronta a esboroar-se, a pulverizar-se ou a rachar-se, uma louça sólida e estanque [...]; para elaborar as técnicas muitas vezes longas e complexas, que permitissem cultivar sem terra, ou então sem água, transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos, ou então, ainda, utilizar esta toxicidade para a caça, a guerra, o ritual, foi preciso, não duvidamos, uma atitude de espírito verdadeiramente científica, uma curiosidade assídua e sempre desperta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, porque uma pequena fração apenas das observações e das experiências (às quais é preciso supor que tenham sido inspiradas, então, e sobretudo, pelo gosto do saber) poderiam dar resultados práticos e imediatamente utilizáveis.

Foi deste modo que foram descobertas as propriedades medicinais de muitas plantas; elas se tornaram úteis por terem sido conhecidas e não porque se visava tirar alguma utilidade delas. Assim, os interesses se constituem como propulsores do conhecimento humano, seja ele "primitivo[i]" ou relacionado à ciência moderna: ambos admitem operações mentais e métodos de observação semelhantes, frisa Lévi-Strauss (1970). "Nos dois casos, o universo é objeto de pensamento, ao menos tanto quanto meio de satisfazer necessidades" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 21). Ambos atingiram o objetivo científico, que é o conhecimento, mas de formas diferentes.

Olhando por este prisma, Lévi-Strauss (1970, p. 36) defende que existem dois tipos de pensamento cientifico, "um aproximadamente ajustado ao da percepção e da imaginação, e outro sem apoio". O primeiro, amarrado à intuição sensível e à curiosidade, e o segundo mais afastado dela. Assim sendo, o conhecimento "primitivo" – que Lévi-Strauss prefere chamar de ciência "primeira" – é um tipo de pensamento científico que se guia pela intuição e pela vontade de conhecer o que está no mundo; "é a comumente designada pelo termo *bricolage*" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 37).

Como centro da ciência "primeira", a palavra *bricoleur* inicialmente tem a ver, em francês, com os jogos, principalmente o de bilhar, o de péla, a caça e a equitação, "sempre para evocar um movimento incidental" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 37), a mudança brusca de rumo das bolas e dos animais durante a competição. Em sentido moderno, a palavra se relaciona com trabalhos manuais, com a ação de juntar diferentes elementos e ferramentas à disposição, formando algo novo, sem qualquer planejamento. É o mesmo que o *handyman* do vocabulário inglês, que usa materiais e ferramentas diversas que inicialmente não se relacionam, mas que em suas mãos, de forma intuitiva, quase artística, se transformam ou criam outro objeto.

Quando um *bricoleur* se dirige a um conjunto de ferramentas e materiais, ele faz um trabalho retrospectivo de análise sobre cada um deles, enumerando "as respostas possíveis que o conjunto pode oferecer ao problema que se apresenta" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 39). Assim, as respostas estarão sempre limitadas pela história de cada peça do conjunto que forma o seu predeterminismo: para o que foi originalmente criada e as adaptações que surgiram nela para outros usos. O que faz com que o resultado seja diferente do conjunto de ferramentas e materiais inicialmente utilizados pelo *bricoleur* é justamente "a possibilidade de permutar um ou outro elemento na função vacante, de tal forma que cada escolha acarretará uma reorganização total da estrutura" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 40).

Desta forma, o trabalho do *bricoleur* se difere do desenvolvido pelo engenheiro, que faz uso constante de planos, métodos e esquemas. Esta diferença não é absoluta, visto que o engenheiro também se vê frente às mesmas limitações que o *bricoleur*, quanto à restrição do conhecimento e meios disponíveis. No entanto, segundo Lévi-Strauss (1970), o engenheiro trabalha com conceitos científicos que servem como "operador da abertura do conjunto com o qual se trabalha" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 41).

Já o *bricoleur* não se limita aos conceitos científicos, sendo que ele faz uso de qualquer forma de mensagens que já possui – ele já as havia "recolhido e conservado em virtude do princípio de que 'isto sempre pode servir'" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 39). O *bricoleur*, portanto, não opera num plano previamente definido, mas sim, fazendo uso da *bricolage* intelectual, elaborando estruturas conforme as ferramentas que possui. De acordo com Lévi-Strauss (1970, p. 39):

> Tais elementos são, pois, em parte particularizados: o bastante para que o *bricoleur* não tenha necessidade do equipamento e do conhecimento de todos os corpos de administração; mas não o suficiente para que cada elemento seja sujeito a um emprego preciso e determinado. Cada elemento representa um conjunto de relações, ao mesmo tempo concretas e virtuais; são operadores, porém utilizáveis em função de qualquer operação dentro de um tipo.

Assim, o *bricoleur* usa os signos, fazendo analogias e aproximações, que o permite usar a criatividade no uso dos materiais e equipamentos. Isso porque o *bricoleur* tem como característica montar estruturas conforme seu entendimento. Ao fazer analogias entre maçãs e bananas, o engenheiro irá buscar nos conceitos químicos e físicos o que é comum entre as duas frutas; já o *bricoleur* busca nos signos – que falam "por meio das coisas" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 42) – que são particulares a um indivíduo ou de uma sociedade, aqueles que permitem agrupar os elementos. Faz, portanto, escolhas entre possibilidades limitadas, sempre colocando "algo de si mesmo" (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 42) na resolução do problema. E aqui cada pessoa pode percorrer um caminho diferente.

É a partir deste conceito lévi-straussiano de *bricolage* que alguns autores começaram a expandir seu uso e aplicá-lo à pesquisa científica na contemporaneidade. No próximo item, portanto, iremos abordar uma nova dimensão da *bricolage*, desenvolvida nos últimos anos, que a coloca como uma estratégia de investigação científica.

Bricolage: uma nova dimensão

Em pesquisa em ciências humanas e sociais também se fala em *bricolage*, para denotar as características de criatividade e interdisciplinaridade na construção das investigações. Na

opinião de Lincoln (2001), Kincheloe (2001) é um dos principais autores que discute essa forma de *bricolage*, e esse autor [Kincheloe] trabalha além do conceito inicial de Lévi-Strauss, mesmo tendo por base as idéias do antropólogo francês.

Para Kincheloe (2001; 2004a; 2004b; 2005a; 2005b) o *bricoleur* trabalha nos limites do conhecimento, fazendo conexões entre os espaços e as margens que existem no conhecimento formal, "dando forma a uma nova consciência" (LINCOLN, 2001, p. 694). Assim, não só se juntam partes de coisas variadas, mas principalmente conectam-nas, criando algo novo, levando em conta o contexto da pesquisa. Desta forma, na concepção de Kincheloe (2001, p. 680) "*bricolage* [...] significa interdisciplinaridade".

Mas o que é interdisciplinaridade? Se for levado em conta que o mundo social é complexo, como defende Morin (1999, p. 30), na pesquisa é preciso "não abrir mão da velha lógica, mas, ao contrário, integrá-la em um jogo complexo". Não é necessário, então, deixar para trás os conceitos metodológicos reconhecidos pela ciência tradicional. Para Morin (2007), o que importa é abrir os horizontes e restabelecer as articulações entre o que foi separado, para se tentar compreender a multidimensionalidade, para se pensar na singularidade com a localidade e com a temporalidade, e nunca esquecer a totalidade.

Para Godoi e Balsini (2006, p. 95) "um objeto complexo não pode ser compreendido com alguma integralidade a partir de uma visão unidisciplinar, não-sintética". Assim, é a interdisciplinaridade que propicia elevar a compreensão do fenômeno para um nível superior, pois é permitido articular o conhecimento produzido em diferentes áreas. Articular aqui não significa juntar pedaços de teorias de diferentes disciplinas sem nenhuma reflexão, porque segundo Cardoso e Serralvo (2009, p. 53), isso poderia muitas vezes resultar numa superficialidade, num reducionismo, "que terá sempre como resultado o 'argumento fraco'".

Para o *bricoleur*, "o objeto de pesquisa é inseparável do contexto" social, cultural ou histórico (KINCHELOE, 2001, p. 682). Todo objeto de pesquisa não pode ser retirado de seu meio social, como se assim pudesse continuar a produzir os mesmo efeitos e a agir da mesma forma. Na verdade, o objeto de pesquisa "é sempre uma parte de muitos contextos e processos; ele é culturalmente inscrito e historicamente situado" (KINCHELOE, 2005a, p. 319).

Isso, no entanto, não significa assumir que há um determinismo social. Kincheloe (2005a, p.320) deixa claro que "os *bricoleurs* entendem que a estrutura social não determina a subjetividade individual, mas a restringe de uma maneira notavelmente intrincada". Desta forma, na *bricolage* entende-se que a estrutura não é universal. Ela age de diferentes maneiras conforme o contexto "histórico, social, cultural, econômico, político, psicológico e pedagógico" (KINCHELOE, 2005b, p. 330). Por isso, em cada caso há a necessidade de se fazer estudos que levem em conta diferentes aspectos.

E atualmente, esta necessidade é, segundo Berry (2006), mais urgente, pois com a disseminação dos meios de comunicação, da tecnologia e, como não poderia deixar de ser, da globalização, diferentes discursos tomam conta do meio social:

> Num período em que os discursos da emancipação, da inclusão, da justiça social, da pluralidade, da multiplicidade, da diversidade, da complexidade e do caos estão entrando nos círculos acadêmicos e na maioria dos meios de comunicação, só existe uma maneira de incorporar estes discursos e suas práticas elogiosas: é necessário novas perguntas, ferramentas, processos e

> métodos de pesquisa. A *bricolage* oferece o potencial para fazer isso (BERRY, 2006, p. 88)

Como isto deve ser feito está relacionado ao conhecimento do pesquisador, ao fenômeno e aos seus objetivos de pesquisa. O modo como o pesquisador escolhe suas múltiplas ferramentas para um estudo tem a ver com o fenômeno em particular – sua dinâmica social e histórica, forças que atuam, entre outras - de onde está olhando – para qual parte do fenômeno virou seu olhar –, a um momento específico do tempo – quando fez o estudo – e, como não poderia deixar de ser, com o próprio pesquisador (KINCHELOE, 2005a).

Na pesquisa *bricolage*, o cientista está presente, pois é ele quem desenha a pesquisa; é ele quem decide o que é ou não relevante para o projeto; é ele quem cria seu modelo conforme o objeto de pesquisa, não seguindo procedimentos pré-definidos. E durante este processo de desenho da pesquisa, Kincheloe (2004a, p. 2) deixa claro que "o ponto de vista, a posição social e a história pessoal do pesquisador" é levada em conta. Na *bricolage*, a construção do método de pesquisa é um processo ativo, sendo que cada pesquisador utiliza as ferramentas que têm em mãos, tendo em vista o objeto de pesquisa (KINCHELOE, 2005b). Berry (2006, p. 90) afirma que:

> Além disso, usar a *bricolage* para fazer pesquisa exige um conhecimento largo e profundo de teorias e de metodologias múltiplas; maneiras múltiplas de coletar, descrever, construir, analisar e interpretar o objeto de estudo da pesquisa; e maneiras finalmente múltiplas de narrar (contar a história), os relacionamentos, os esforços, os conflitos e o mundo complexo do estudo que mantém a integridade e a realidade dos assuntos.

O pesquisador *bricoleur*, então, descarta a possibilidade de estudos monológicos[ii], produzidos visando um conhecimento racional que busca a ordem e a certeza, baseado em quadros totalizadores do contexto social (BERRY, 2006). Nos estudos monológicos, a realidade é universal, portanto, qualquer modelo pode ser aplicado na compreensão de qualquer realidade. Para Kincheloe (2005b, p. 326) "o conhecimento monológico não somente reduz a vida humana à dimensão objetiva, isto é, que pode ser expressa numericamente, mas é igualmente incapaz de mover-se além desta única dimensão". Na *bricolage*, busca-se romper esta única dimensão através da interdisciplinaridade, respeitando as diferentes dimensões do mundo social.

E é justamente este movimento interdisciplinar que gera tantas críticas. Muitos pesquisadores, conforme diz Kincheloe (2001), afirmam que pesquisas que utilizam a interdisciplinaridade resultam sempre em trabalhos superficiais. Alguns chegam até a afirmar que mais do que trabalhos superficiais, a interdisciplinaridade só pode levar à loucura. Kincheloe (2001, p. 681) cita autores como Friedman, McLeod e Palmer como os responsáveis pela afirmativa de que "na tentativa de saber tanto, o *bricoleur* não somente não sabe nada como também enlouquece neste processo errado".

Para Kincheloe (2001, p. 681), a superficialidade não ocorre devido à interdisciplinaridade, mas sim, porque os pesquisadores "não devotam tempo suficiente para compreender os campos e as bases de conhecimento disciplinares de que a modalidade de pesquisa emana". No caso da *bricolage*, Kincheloe (2001) propõe um movimento dialético entre disciplinaridade e interdisciplinaridade como forma de se reduzir o conhecimento superficial.

Neste contexto, é a teoria que sustenta o desafio da interdisciplinaridade. Mas agora, segundo Kincheloe (2005a, p. 317) "a teoria não é uma explicação da natureza – ela é mais uma explicação de nosso relacionamento com a natureza". Por isso, o *bricoleur* rejeita modelos que simplifiquem a realidade e que tornam padrão o mundo social, porque já notou que o contato do pesquisador com o objeto de pesquisa "é sempre complicado, variável, imprevisto e, claro, complexo" (KINCHELOE, 2005a, p. 317). Kincheloe (2005a, p.319) frisa que o objeto de pesquisa "não pode ser descrito como uma entidade encapsulada".

Kincheloe (2001, p. 688) afirma que "na particularidade das interações filosóficas com o empírico em uma variedade de contextos, os *bricoleurs* inventam novas formas de rigor e novos desafios a outros pesquisadores para estender os limites metodológicos e interpretativos". Desta forma, o *bricoleur* se torna um negociador entre a teoria e a situação que se apresenta, usando, portanto, múltiplas perspectivas, promovendo o ecletismo, criando, muitas vezes, formas particulares de enxergar o mundo social (KINCHELOE, 2001). O movimento dentro da complexidade, portanto, é o que define o pesquisador *bricoleur*. "O *bricoleur* usa uma das dimensões destas múltiplas diversidades para explorar outras, para gerar questões antes não imaginadas" (KINCHELOE, 2005a, p. 319).

É assim que o pesquisador *bricoleur* utiliza uma diversidade de perspectivas para contextualizar o objeto de pesquisa, passando pelo quadro macrossocial, cultural, político, filosófico, histórico, pedagógico e econômico. De acordo com Kincheloe (2005b, p. 344) "esta multiperspectiva é realçada pela hermenêutica crítica e pelas interpretações que ocorrem no círculo hermenêutico – os hermeneutas se referem freqüentemente a esta dinâmica como a fusão dos horizontes". Isso porque, na hermenêutica, segundo Kincheloe (2005b), o contexto social participa do processo de interpretação.

A hermenêutica surgiu, segundo Steinberg (2006, p.129), "com a interpretação de textos religiosos e de escrituras canônicas dentro de seu contexto social e histórico". Com o Iluminismo, a hermenêutica ganha força e desafia os princípios arraigados da tradição científica que propunha o distanciamento entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. Steinberg (2006, p.129) afirma que "uma das afirmações centrais do hermeneuta é que toda pesquisa e análise envolve uma variedade de consciências, incluindo a do pesquisador e os valores que residem tacitamente dentro dele".

Desta forma, na pesquisa hermenêutica, a "interpretação não é simples e direta" (STEINBERG, 2006, p. 129). Devido à complexidade e à ambigüidade do comportamento humano, nada está às claras; existe, portanto, sempre algo que pode ser escondido ou que se altera com a observação. Assim, o pesquisador precisa moldar os métodos de interpretação empurrando "os limites da compreensão humana conforme a natureza contraditória do mundo ao nosso redor" (STEINBERG, 2006, p. 130). Fica claro então, que na hermenêutica, a intuição do pesquisador está sempre presente.

No caso da hermenêutica crítica, todo este processo visa ainda à emancipação do indivíduo[iii]. Steinberg (2006, p. 134) frisa que "o hermeneuta crítico desenvolve uma pedagogia crítica, que tenta conectar os problemas diários dos indivíduos face ao debate público de poder, justiça e democracia". Desta forma, ainda segundo Steinberg (2006, p. 134), os pesquisadores hermenêuticos "constroem pontes entre o leitor e o texto, o texto e seu produtor, contexto e presente histórico e uma circunstância particular e outra".

Essa postura crítica vem do próprio processo, pois como afirma Kincheloe (2001, p. 686), como o pesquisador *bricoleur* estuda diversas disciplinas e métodos de pesquisa, "ele está forçado a comparar não somente métodos, mas também as diferentes epistemologias e teorias sociais". Isto fica claro quando entendemos que a ciência não é isenta, pura e reflete toda a realidade.

Conforme afirma Morin (2007, p.44), em toda teoria existem "impurezas" sociológicas e culturais. Nenhuma teoria pode ser vista como puro reflexo do real, uma vez que a sua construção é uma atividade humana. Por isso "a objetividade científica não exclui a mente humana, o sujeito individual, a cultura, a sociedade: ela os mobiliza. E a objetividade se fundamenta na mobilização ininterrupta da mente humana, de seus poderes construtivos, de fermentos socioculturais e de fermentos históricos" (MORIN, 2007, p. 58).

Como trabalhar com *bricolage*?

Até este ponto do artigo, vimos que não é simples ser um *bricoleur* em pesquisa, ainda mais que o termo *bricolage* carrega até hoje conotações negativas, fazendo com que alguns não enxerguem nela um modo sério de se fazer pesquisa social. Pelo contrário, para muitos, segundo Kincheloe (2004b, p. ix), a *bricolage* serve para aqueles que "não sabem nada de pesquisa, mas ao mesmo tempo, têm muito a dizer sobre ela".

As críticas são, até certo ponto compreensíveis, uma vez que na *bricolage*, a fronteira do conhecimento opera numa zona limite onde as disciplinas colidem (KINCHELOE, 2001), e trabalhar neste limite não é fácil. Muitos pesquisadores sentem dificuldade de sair de sua área de segurança. Em nosso campo de estudo, isso também acontece; no entanto, um esforço para sair da "zona de conforto" talvez seja importante para o desenvolvimento da área, pois como nos lembram Cardoso e Serralvo (2009, p. 53), em um artigo recente que discute o pluralismo metodológico em nossa área de atuação, será que é "possível ser um bom teórico de administração entendendo somente de administração"?

Sendo assim, como iniciar uma investigação que busque conhecimento a partir da *bricolage*? Berry (2006) sugere que o *bricoleur* iniciante deva começar os estudos em áreas que conhece bem ou pela qual tem grande interesse. Isso porque todos nós temos algum conhecimento – formal ou informal – alguma disciplina da qual gostamos mais, ou um assunto que nos interessa mais do que os outros. Em hipótese alguma uma pessoa começa uma pesquisa sem algum conhecimento. Além disso, quanto mais interesse em um assunto específico, mais maravilhado e curioso se torna o indivíduo, facilitando, portanto, a inserção em outras disciplinas.

É somente conhecendo a fundo a teoria e as discussões dentro de uma disciplina em particular, que o *bricoleur* pode entender como houve a sua construção social, "analisando as origens do campo, a emergência de várias escolas de pensamento, epistemologias e metodologias da produção do conhecimento" (KINCHELOE, 2001, p. 683). Neste momento ele está apto para iniciar uma conversação com outras disciplinas, buscando a interação entre os conceitos.

Outra dica de Berry (2006) é para que o *bricoleur* busque pessoas que conheçam o assunto e promovam discussões. Neste momento, buscam-se levantar as limitações, similaridades e os conflitos entre as diferentes áreas. Deve-se, portanto, evitar as discussões sobre qual teoria ou método é melhor, pois a idéia central é "evocar as diferentes formas de prosseguir, os

diferentes usos das ferramentas, as diferentes formas de começar e as diferentes razões para usar certas ferramentas e não outras" (BERRY, 2006, p. 97). Neste processo inicial, o pesquisador *bricoleur* começa a agregar uma variedade de ferramentas às que já possui.

Lapassade (1998) diz que este processo de busca por teorias não deve se reduzir aos momentos iniciais da pesquisa. Para ele, durante toda a pesquisa deve-se buscar teorias que possam explicar o que foi encontrado em campo. Para Lapassade (1998, p. 127) "a bricolagem praticamente nunca tem fim". Ele enxergou isso ao estudar o movimento *hip-hop* francês, quando teve que utilizar várias perspectivas teóricas e metodológicas para entendê-lo.

Inicialmente, Lapassade (1998, p. 146) adotou "uma atitude etnológica bastante clássica, bastante rotineira", estudando o movimento como uma cultura. No entanto, conforme ia mergulhando no estudo, Lapassade (1998, p. 146) viu que se quisesse mesmo entender o movimento do *hip-hop* "deveria observá-lo também de outra forma e interrogar a primeira idéia muito evidente [...] da 'cultura' no sentido antropológico". A partir deste momento, o referido autor utilizou o conceito de ecocultura, retirado da ecologia urbana da Escola de Chicago. Não contente, Lapassade (1998) enxergou a relação entre o *hip-hop* e a contra-escola. Passou, portanto, a agregar à sua pesquisa os recursos criados pela etnografia inglesa para estudar as subculturas.

Mas, Lapassade (1998) ainda via no objeto de estudo uma cultura de resistência. Acrescentou, então, uma nova perspectiva ao estudo, utilizando o conceito de "cultura de resistência produzido pela escola dos *Cultural Studies*, emprestado da escola sociológica de Birmingham [...]" (LAPASSADE, 1998, p.147). Lapassade (1998) lembra que cada nova referência tinha o poder de enriquecer aquelas que ele tinha utilizado anteriormente.

Na verdade, só no final do processo foi que Lapassade (1998) conseguiu ver as múltiplas perspectivas utilizadas. Foi também, no final de seu trabalho, que Lapassade (1998) conseguiu enxergar a *bricolage* – um conceito que ele conhecia há algum tempo - de forma operacional.

É por isso que falar como fazer *bricolage* é difícil. Como a *bricolage* está assumidamente imbricada com a intuição e com a improvisação, parece-nos estranho mostrar como trabalhar com ela. Algumas dicas foram aqui dadas aos *bricoleurs* iniciantes, tomadas emprestadas de pesquisadores que utilizam a *bricolage* em suas pesquisas há mais tempo que nós. No entanto, isto não significa que se trata de "como fazer", pois as possibilidades são imensas, dependendo das particularidades do pesquisador e do contexto pesquisado.

Isto é importante, sobretudo, para o momento da problematização e da contextualização da pesquisa, mas em todas as fases da investigação é importante manter essa postura. O *bricoleur* considera diferentes contextos, inserindo sua pesquisa dentro da complexidade e da multiplicidade do mundo social. Utiliza, portanto, as teorias e metodologias de pesquisa que forem necessárias para a interpretação do objeto em estudo.

Kincheloe (2005, p. 344) sempre contextualiza o que encontra em campo dentro da perspectiva macrossocial, política e econômica, "considerando numerosas representações da realidade simultaneamente". Assim, ao pesquisar um mesmo objeto, podem ser usadas, por exemplo, teorias estruturalistas, pós-estruturalistas, marxistas e psicanalíticas, como também, análise do discurso, hermenêutica e história de vida. Tudo isso devido ao princípio da

bricolage, de que num estudo, é necessário considerar que diversos olhares podem ajudar a melhor interpretar o objeto que se tem em mãos.

Considerações finais

Em primeiro lugar, cabe aqui confessar que escrever o artigo em primeira pessoa do plural foi uma opção tomada no meio do processo, pois ao revermos o que estava sendo escrito, não parecia fazer sentido falar sobre *bricolage* com aquela "neutralidade" científica que não faz parte do seu contexto [da *bricolage*]. Deste modo, vimos que precisávamos nos colocar mais no texto e no contexto daquilo que estávamos escrevendo.

Assim, neste artigo, nos empenhamos em trazer um modo de se fazer ciência em nossa área, que é a *bricolage*. Essa proposta tem como centro a interdisciplinaridade como meio de se compreender aquilo que está inserido num mundo complexo. A *bricolage*, portanto, permite interpretar o objeto de pesquisa por múltiplas perspectivas, conforme as escolhas do pesquisador e o que ele encontrar no campo. O interesse pelo tema surgiu quando vimos que estávamos fazendo *bricolage* em uma de nossas investigações. Desta forma, procuramos conhecer mais o assunto, tentando desvendar quais são seus pressupostos e discussões que se têm sobre o tema.

Somos obrigadas a dizer, no entanto, que a construção deste ensaio não foi um trabalho fácil, visto que o conceito ainda está em construção. Como a *bricolage* em ciência ainda é pouca conhecida e debatida no Brasil (e de certa forma, fora dele também), a busca sobre o conceito e como colocá-lo em prática se tornou um caminho árduo.

Poucos autores falam sobre *bricolage* e é ainda menos numerosa a quantidade de pesquisadores que falam sobre a sua experiência como *bricoleur*. Talvez, porque há poucos *bricoleurs*, ou mesmo porque poucos se dão conta que a utilizam. Lapassade (1998) diz que quase ninguém tem coragem de assumir usar a intuição durante o processo de pesquisa. Mas, o mais importante aqui, é entender que somente são dadas dicas de como se inserir na pesquisa *bricolage*, porque cada pesquisador irá descobrir e montar seus esquemas e modelos, conforme o contexto da sua pesquisa e sua própria história como pesquisador.

Parece-nos que a *bricolage* em ciência, devido às suas características, não deixa também de ser arte, no sentido de se estimular o uso da criatividade. Assim, acabamos descobrindo mais sobre ela no dia a dia da pesquisa, pois é quando nos deparamos com encruzilhadas teóricas, com o inesperado, com a necessidade de improvisar, e assim, a colocamos em ação. Fazer *bricolage* é uma aventura que faz parte do fazer ciência. Como defende Lapassade (1998, p. 136), "é preciso considerar que a bricolagem, longe de constituir a parte 'feia' da ciência social, deve ser considerada, pelo contrário, como uma parte essencial e incontornável do seu procedimento". Quantos daqueles que não se consideram *bricoleur* já não fizeram uso da interdisciplinaridade?

Desta forma, transformar em artigo aquilo que já estávamos, de alguma forma, fazendo na prática, não foi somente um exercício prazeroso; pelo contrário, também foi sofrido – e mais do que havíamos inicialmente imaginado -, justamente por essa dificuldade de encontrar quem pudesse nos ajudar a compreender melhor o processo todo, e também porque, num exercício de reflexividade, fez com que examinássemos melhor a nossa própria prática científica (mas isso é assunto para um próximo artigo).

Assumimos aqui, portanto, que ainda estamos no meio de uma travessia, e assim, muitas dúvidas persistem. Mas isso, só o debate sobre o assunto poderá ajudar a dissipar (ou quem sabe, aumentar ainda mais as interrogações). De qualquer forma, acreditamos ter contribuído para uma maior compreensão sobre o assunto, concordando com Ghedin e Franco (2006, p. 8), que dizem que avançamos no conhecimento quando reinventamos "metodologias que procuram dar conta da complexidade que exigem os objetos que se procura conhecer".

Referências

BERRY, Kathleen S. Research as bricolage: embracing relationality, multiplicity and complexity. In: TOBIN, Kenneth; KINCHELOE, Joe L. (Eds.). **Doing educational research**: a handbook. Boston: Sense Publishers, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira; SERRALVO, Francisco Antonio. Pluralismo metodológico e transdisciplinaridade na complexidade: uma reflexão para a administração. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n.1, p.49-66, Jan./Fev. 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. Introdução. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Org.) **Pesquisa em educação**: alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Coleção Perspectivas Educacionais.

GODOI, Christiane Kleinübing; BALSINI, Cristina Pereira Vecchio. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: SILVA, Anielson Barbosa da; GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

KINCHELOE, Joe L. Describing the Bricolage: conceptualizing a new rigor in Qualitative Research. **Qualitative Inquiry**, v.7, n.6, p.679-692, 2001.

KINCHELOE, Joe L. Introduction: the power of the Bricolage: expanding research methods. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Rigour and complexity in educational research**: conceptualizing the bricolage. London: Open University Press, 2004a.

KINCHELOE, Joe L. Preface In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Rigour and complexity in educational research**: conceptualizing the bricolage. London: Open University Press, 2004b.

KINCHELOE, Joe L. Rethinking Critical Theory and Qualitative Research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Editors). **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 3. ed. California: Sage Publications, 2005a.

KINCHELOE, Joe L. On to the next level: continuing the conceptualization of the Bricolage. **Qualitative Inquiry**, v.11, n.3, p.323-350, 2005b.

LAPASSADE, Georges. Da multirreferencialidade como "bricolagem". In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. (Coord.). São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1970.

LINCOLN, Yvonna S. An emerging new bricoleur: promises and possibilities – a reaction to Joe Kincheloe's "describing the bricoleur". **Qualitative Inquiry**, v.7, n.6, p.693-696, 2001.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (Org.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

STEINBERG, Shirley R. Critical cultural studies research: bricolage in action. In: TOBIN, Kenneth; KINCHELOE, Joe L. (Eds.). **Doing educational research**: a handbook. Boston: Sense Publishers, 2006.

---

[i] É como é chamado o conhecimento gerado antes do surgimento da ciência moderna.

[ii] O conhecimento monológico é produzido em estudos que se baseiam numa perspectiva unilateral, ignorando o "relacionamento entre a realidade material e as percepções humanas" (KINCHELOE, 2005b, p. 326).

[iii] Kincheloe (2005) afirma que a hermenêutica crítica "está engajada num diálogo com a tradição da Teoria Crítica".